

OS OUVIDOS ATENTOS DE CÉSAR (*Sat. II, I* de HORÁCIO)

Ingeborg Braren
Universidade de São Paulo

RESUMO: Durante um certo tempo, no período compreendido entre a batalha de Filipos, em 42 a. C. e a batalha de Ácio em 31 a. C., época final da transição política em Roma, de República para Império, a sátira foi um gênero adequado para a criação poética de Horácio, uma vez que permitia a crítica de como se modificavam os interesses dos romanos ao longo desse processo.

PALAVRAS-CHAVE: Sátira, Horácio, César, Crítica, Augusto.

As sátiras de Horácio revelam o olhar crítico e o sorriso complacente do autor, observando o comportamento das pessoas vivendo em sociedade e, principalmente, como os interesses dos romanos se modificavam ao término das guerras civis. Por ser uma época de transição política, de República para Império, período compreendido entre a batalha de Filipos em 42 a. C. e a batalha de Ácio em 31 a. C., a perda das instituições políticas provoca insegurança e especulações. Este é um momento intrinsecamente de busca e de afirmação. Há necessidade de uma representação política segura, que iria culminar mais tarde na consolidação do regime de Augusto.

O conjunto da obra de Horácio acompanha o processo de definição do novo regime em Roma¹. As *Sátiras* e os *Epodos* 7 e 16 testemunham essa situação conturbada.

No que concerne à sua pessoa, o poeta procurou não se comprometer diretamente com o *Princeps*. Entre os estudiosos e críticos não há unanimidade quanto à autenticidade do interesse de Horácio por uma ideologia. Segundo alguns, seria um epicurista e seu interesse pelo Estado se resumia apenas em produzir algumas obras encomendadas que resultaram nos poemas políticos. Para outros, ao contrário, teria simpatia pela ideologia representada por Augusto, a do principado (Doblhofer, 1981, p. 1919).

Pode-se perguntar se, neste último aspecto, as sátiras abrigam alguma proposta partidária ou política, ou se registram apenas a situação da sociedade romana. Mesmo que se corra o risco de atribuir força de verdade histórica às observações que ocorrem nas sátiras, peças que têm na sua configuração a ironia e o humor, o pensamento de Horácio encontra nelas um meio de se expressar, ainda que pareçam informar pouco. Neste sentido vejamos sucintamente alguns quadros apresentados nas sátiras.

1. A cronologia das obras de Horácio considerada neste trabalho é a tradicional: *Sátiras* I, 35 a. C.; *Sátiras* II e *Epodos*, 30 a. C.; *Odes* I-III, 23 a. C.; *Epístolas* I, 20 a. C.; *Cântico Secular*, 17 a. C.; *Epístolas* II, 15 a. C.; *Odes* IV, 13 a. C.

A *Sat.* 1,7 (provavelmente a mais antiga e a menos esmerada) trata de um episódio em que se apresentam dois litigantes diante do tribunal presidido por Bruto, pretor da Ásia na época. Um, o proscrito Rupllio Rex, e outro, o híbrido Pérsio. Este, em clara alusão ao nome Rex, roga a Bruto, o assassino de César, que corte a garganta de seu desafeto, já que era hábito seu matar reis. Ora, sabemos que Horácio foi seguidor de Bruto na batalha de Filipos, assim tal menção almeja manifestar independência que reflete até certo ponto a *libertas* própria da sátira.

A *Sat.* 1,2, também considerada uma das mais antigas, mostra diferentes figuras da sociedade romana desfilando ao passo que são ferinamente dissecadas. A preocupação com a moral dessa sociedade ante os freqüentes adultérios das mulheres da classe elevada antecipa as futuras leis de Augusto que visavam coibir os adultérios (*leges Iuliae*, de 18 a. C. e *lex Papia Poppaea*, de 9 d. C.)

A *Sat.* 1,4 indica quais seriam os limites para o bom emprego da crítica na sátira. Deve-se evitar o ataque intempestivo semelhante ao de um touro furioso (o que seria mais própria do jambo), e a ofensa, com a única finalidade de produzir pura peçonha. Ao contrário, a crítica deve passar pelo crivo da prudência para que a sátira não seja mera difamação. O todo deve estar articulado com um propósito moral (Cortés, 1986, p. 33).

Na *Sat.* 1,6, Horácio demonstra a sua dedicação a Mecenas, mas também a precaução de evitar envolvimento com o poder. Não aceitaria uma magistratura. Esta atitude, entretanto, de per si representa uma postura política, como veremos mais adiante. A *Sat.* 1,3 volta a formular a mesma preocupação de que a permanência à margem da competição pela excelência traz conforto ao cidadão simples. Na *Sat.* 1,1, o poeta reafirma sua amizade desinteressada por Mecenas. A *Sat.* 1,8 trata dos grandes jardins romanos particulares oferecidos ao público. As *Sat.* 1,5 (viagem a Brundísio para encontrar Mecenas) e 1,9 (o delicioso encontro com o inoportuno a caminho do tribunal e que se oferece para entrar no círculo de Mecenas) revelam que discrição e comedimento eram recomendáveis nas relações de amizade com o Mecenas e, por extensão, com o círculo próximo ao poder.

As *Sat.* 1,4, *Sat.* 1,10 e a *Sat.* II,1 compõem o sentido programático das sátiras de Horácio. Postulam um gênero diferente da invectiva pura e simples; e delineiam, de acordo com o modelo luciliano, o caráter crítico das sátiras, mas introduz algumas modificações.

Conforme Diomedes (Keilli, 1857, p. 485), na sátira distinguem-se o *maledicum* de caráter objetivo e o *maledicum* jâmbico, cuja origem podia ser de natureza puramente subjetiva. Rosario Cortés sugere que a diferença entre sátira e invectiva reside exatamente no fato do ataque da sátira ser mais objetivo e fundamentado, ao passo que o da invectiva guia-se pelo ódio pessoal e vingativo (Cortés, 1986, p. 21). Como a sátira não foi cultivada na Grécia, influências da Comédia Antiga, principalmente neste último aspecto, aparecem na sátira latina, como se verifica em Lucílio. Respeitando a *lex operis* do gênero satírico, Horácio traça algumas distâncias e aproximações em relação a seu modelo formal luciliano:

1. não se serve do ataque direto e ferino próprio do jambo; mas mantém a prática de criticar;
2. conserva o humor, mas o *ridiculum* culmina em Horácio em procedimento irônico;

3. quanto à *libertas* própria do ataque, jâmbico ou satírico, estabelece limites e confere-lhe comedimento cauteloso, evitando excessos;
4. três características, o estilo da sátira, o método do *ridiculum* e o emprego da *libertas* no ataque, terão, entretanto, um padrão moral implícito (Frye, 1957, p. 220);
5. conserva o elemento dialógico das primeiras sátiras latinas.

De fato, na *Sat* II,1, o procedimento diatríbico já empregado no livro primeiro das sátiras evolui para a forma de diálogo aberto entre Horácio e Trebácio. A *persona* Horácio será o satirista e a *persona* Trebácio será o interlocutor. Mesmo que Horácio tenha empregado o método de falar através de máscara na poesia satírica, as palavras e as idéias do satirista não devem ser consideradas como totalmente idênticas ao do próprio Horácio (Anderson, 1982, p. 29). A personagem, o satirista, não é o seu criador real, o poeta. Cabe à sátira um mínimo de fantasia, espaço em que o autor pode exercer ironia num mundo hipotético, porém de conteúdo realístico.

Quanto à estrutura dialógica da *Sat.* II,1, observa-se um primeiro passo, dos versos 1 a 23, constituído por um diálogo introdutório que forja uma situação cujo mérito está em apresentar através da discussão entre os dois homens:

- a. a caracterização sumária das personagens,
- b. o delineamento de alguns tópicos da teoria de Horácio sobre a sátira,
- c. a preocupação com uma instância representada pelo que significa *per attentam aures Caesaris* (II,1,19).

O segundo passo, dos versos 24 a 60, tem início com a pergunta *quid faciam?* que irá mostrar o *stilus*, o gosto e o olhar crítico do poeta encerrando-se com o verso 60: *quisquis erit uitae scribam color*.

No terceiro passo, dos versos 60 a 86, há de novo um diálogo a entretecer o texto até o verso final, em que Trebácio encerra com *Soluentur risu tabulae, tu missus abibis* (o sorriso dissolverá as acusações), que define a força do riso liberando o satírico de ser impugnado por acusações.

A *Sat.* II,1 articula-se como uma conversa sobre como escrever *satura* (II,1,1) que aparentemente é pretexto para teorizar sobre o assunto. Mediante este recurso, o satirista tem oportunidade de caracterizar as duas personagens: Horácio se apresenta como jovem impetuoso, amante das letras, e Trebácio como velho advogado, um *doctus*, que na vida real foi contemporâneo de Cícero, nascido por volta de 89 a. C., sendo 25 anos mais velho que Horácio (Villeneuve, 1962, p. 134, n. 3). Graças a isto, seu estilo é incisivo e seco, próprio da linguagem jurídica.

Quanto à sequência das idéias, a articulação se processa como se houvesse uma investigação sobre a criação satírica. Os versos 24-60, discorrem sobre:

- a. a forma (*ritu Lucili*, II,1,29, isto é, os versos se ajustarão a métrica),
- b. o *stilus* de Horácio (II,1,39),
- c. a força da natureza (*natura potens*, II,1,51), aquela força que impera e coage a fazer poesia.

Horácio procura dar a impressão de estar dizendo verdades. É conhecida sua frase *ridentem dicere uerum* (*Sat.* I,1,24). Deste modo, quando Trebácio propõe um assunto – falar sobre César – tal como o modelo Lucílio escrevera sobre Cipião, a primeira pergunta que se impõe é se haveria alguma veracidade na observação de que adular César é um mister lucrativo:

Sat. II, I, 10 "Aut si tantus amor scribendi te rapit, aude
Caesaris inuicti res dicere, multa laborum
praemia laturus"

(Ou se te assalta tamanha paixão de escrever, tenta celebrar os feitos do invencível César, o que te trará, por este trabalho, generosa recompensa).

Será César um juiz atento (*Caesare iudice*, II,1,84) que paira acima de todos com poderes fulminantes? Ou está aí o satirista indulgente apenas testando o efeito de tais palavras em César? Horácio obriga-nos a tentar entender que a *Sat.* II, I registra um sistema de conceitos vigentes sobre relações de diferentes personagens com o objeto centralizador do poder, César, símbolo do poder imperial. Vejamos como isto ocorre.

Quando perguntado a respeito de *praecepta* sobre como escrever sátira, a resposta de Trebácio é tão econômica quanto surpreendente. Trebácio responde simplesmente: *Quiescas* (II,1,5). A concisão é um recurso estilístico de grande valor na sátira horaciana. Principalmente quando um termo, como tal verbo, está colocado enfaticamente em posição central, antecedido por *quid faciam*, *praescribe*, e seguido por *ne faciam*, *inquis* (II,1,5). Deve-se levar em consideração que esta dúvida sobre o que fazer tornará a se repetir no início do verso 24. Ora, tanto o *amor scribendi* (II,1,10) está patente em *te rapit* (II,1,10) como também o acúmulo de dúvidas que fica entre realizar algo ou permanecer prudentemente calado. Do mesmo modo a posição neutra entre o querer e o não querer fazer, entre estabelecer o que deva ou não deva ser feito, é corroborada pelas conjunções *aut* (II,1,10; II,1,15; II,1,65; II,1,67), *sive*, *seu* (II,1,38; II,1,57; II,1,58; II,1,59), e *an* disjuntivo (II,1,34). A ambigüidade se mantém. Horácio se denomina *anceps*, *Lucanus an Apulus* (II,1,34), ao mesmo tempo *flebit e cantabitur* (II,1,46). Ao afirmar Horácio que as forças lhe faltarão para escrever sobre o invencível César embora o quisesse, tal *recusatio* (II,1,12-13) é construída com a colocação de *cupidum* em posição central do verso 12, como se as forças antagônicas *praemia e uires*, no início e final do verso, o neutralizassem. Tais construções levam a pensar em cautela de não se comprometer com César e tudo o que ele representa.

Ainda quanto a uma preocupação com um tipo de repercussão política, o satirista se manifesta ironicamente:

Sat. II, I, 18, Haud mihi dero
cum res ipsa feret; nisi dextro tempore, Flacci
uerba per attentam non ibunt Caesaris aurem,
cui male si palpere, recalcitrat undique tutus.

(Quando a ocasião se apresentar, não deixarei de fazê-lo; a não ser se no momento adequado, as palavras de Flaco não chegarem aos ouvidos atentos de

César, que, se adulado de maus modos, precavido em todos os sentidos, seguramente as rechaçará).

Talvez isto faça entrever que o satírico necessita de uma audiência, imaginária ou real, para que o humor encontre seu eco, assim como o deliciar-se ante as observações críticas da vida romana possa ser compartilhado.

Considerando as referências a César ou a qualquer ideologia do principado, esta sátira manifesta nenhuma devoção cesarista ou anticesarista, a exemplo da adjetivação do nome César, *iustus, fortis, invictus* (II,1,16 e 19), tão vazia quanto padronizada em se tratando de um chefe de estado. Não é o que ocorre quanto à audiência, pois o satirista se baliza de acordo com a idéia expressa no verso II,1,20: *per attentam aurem Caesaris*, que não pode ser considerada ingênua.

Para finalizar, verifica-se que na *Sat.* II,1 não há propriamente preocupação em divulgar ideologias, porém alguns dos elementos construtivos apontados levam a crer que, nesse aspecto, há um posicionamento que corresponde a uma atitude política sempre neutra. A economia e a referência irônica circunstanciam justamente uma visão realista da vida política romana. Para Horácio a sátira era um tipo de expressão literária em que o criador tem a liberdade de explorar uma complicada interligação entre elementos autobiográficos e propósitos estéticos. Assim sendo, ao construir a *persona* Horácio, eloquente em afirmar seu *amor scribendi* e sua natureza de poeta, ainda que se admita não haver identificação perfeita entre personagem e o poeta, o autor faz acreditar que interligou o satirista com sua própria pessoa.

Boa parte dos objetivos da *Sat.* II,1 está em nos fazer acompanhar as revelações do satirista que dão a impressão de verdadeiras. Sospesado o que pôde ser definido na sátira, é possível salientar duas realidades tanto do plano ficcional quanto do plano real.

Uma é decorrente do conhecimento que Horácio tem de sua própria natureza, tal como revela a profissão de fé dos versos 59-60:

diues, inops Romae seu fors ita iusserit, exul,
quisquis erit uitae scribam color.

(Qualquer que seja a cor de minha vida, eu, rico, pobre, em Roma, exilado, ou do modo como a sorte dispuzer, eu escreverei.)

A outra está relacionada com a definição da sua postura ante a política de Otaviano que, já vimos, se patenteia como neutra. A neutralidade propugnada por Horácio pode advir de uma série de circunstâncias movediças, mas, na sátira, tem uma sinalização tática de acordo com os ouvidos atentos de César (*per attentam aurem Caesaris*). Se Horácio entendeu ser conveniente assumir esta posição, é certo que teve o cuidado de preservá-la, pelo menos até o aparecimento das *Odes* políticas.

RÉSUMÉ: *Durant un certain temps, pendant la période comprise entre la bataille de Philippes, en 42 a. C. et la bataille d'Actium, en 31 a. C., époque finale de la transition politique à Rome, de la République à l'Empire, la satire apparut comme un genre adapté à la création poétique d'Horace, puisqu'elle permettait la critique de la façon dont évoluaient les intérêts des romains tout au long de ce processus.*

BIBLIOGRAFIA

- ANDERSON, W. S.** *Essays on Roman Satire*. Princeton: Princeton University Press, 1982.
- CORTÉS, R.** *Teoría de la Sátira*. Cáceres: Universidad de Extremadura, 1986.
- DOBLHOFER, E.** Horaz und Augustus. In: *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt*. Berlin: W. de Gruyter, 1981, v. 31.3, p. 1922-1986.
- FRAENKEL, E.** *Horace*. Oxford: Clarendon Press, 1957.
- FRYE, N.** *Anatomia da Crítica*. Tradução de Péricles E. da S. Ramos. São Paulo: Cultrix, 1957.
- HERING, W.** Form und Inhalt in der fruehaugusteischen Poesie. In: *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt*. Berlin: W. de Gruyter, 1982, v. 30.1, p. 181-253.
- HORACE.** *Satires*. Texte établi et traduit par F. Villeneuve, Paris: "Les Belles Lettres". 1962.
- KEILLI, H.** Grammatici Latini. Diomedes, v. I, Lipsiae: In aedibus B.G. Teubner, 1857.
- LaFLEUR, R. A.** Horace and *Onomasti Komoeidein*: The Law of Satire. In: *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt*. Berlin: W. de Gruyter, 1981, v. 31,3, p. 1790-1826.